

MEMORIAL DE CANUDOS^(*)

José Calasans

Antonio Vicente Mendes Maciel (1830-1897), cearense, natural da vila de Quixeramobim, surgiu no centro da Bahia e de Sergipe em 1874. Na região permaneceu durante quase um quarto de século. Construiu ou reconstruiu capelas, levantou muros de cemitérios, abriu pequenos tanques d'água, ministrou conselhos aos sertanejos. Apelidaram-no, por isso, Antonio Conselheiro, Santo Conselheiro, Bom Jesus Conselheiro. Também chamaram-no Santo Antonio dos Mares, Santo Antonio Aparecido. A voz do Conselheiro era suave quando conversava com os seguidores, que chegavam a milhares, porém se tornava forte, agressiva se pregava sobre certos temas – a República, o casamento civil, a separação da Igreja do Estado, os maçons, os protestantes, os abomináveis republicanos.

Não fora um menino pobre e sem instrução. Seu pai, Vicente Mendes Maciel, negociante no Ceará Grande, possuiu loja de comércio e levantou algumas casas na vila natal. Procurou dar ao filho alguma instrução. Dizem que queria fazê-lo um sacerdote da Igreja Católica. Fê-lo aprender a ler, escrever e contar. Também foi aluno de latim na aula do mais conceituado mestre da vila, tendo sido condiscípulo do famoso polemista João Brígido dos Santos. Seus traumas da meninice nasceram no próprio lar. Ficou órfão de mãe por volta dos cinco anos de idade. Seu genitor contraiu segundas núpcias e o menino Antonio Vicente foi maltratado pela madrasta, que morreu sofrendo das faculdades mentais. Em Canudos, quando já era o grande líder sertanejo, o Conselheiro, que falava pouco da sua vida, queixou-se dos maus tratos da madrasta. Não os esquecerá. Tomou conta da família e dos negócios, após o falecimento de Vicente Mendes Maciel. Falhou como comerciante e saiu de Quixeramobim.

(*) Publicado como “Introdução” in GAUDENZI, Tripoli Francisco Brito. *Memorial de Canudos*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia; Bahiatursa, 1993.

Exerceu, então, várias atividades. Professor primário, rábula, caixeiro, amansador de cavalos, andejo sempre. Padecera, na infância, por causa do gênio da segunda mulher do seu pai; amargurara, na mocidade, em virtude do temperamento e do modo de proceder da própria esposa, a quem terminou abandonando. O insucesso doméstico agravou sua situação pessoal. Quando veio a ser, nos anos setenta, o mais conhecido dos conselheiros sertanejos, divulgou-se a estória, ainda hoje lembrada, que matara a companheira e assassinara a genitora, num momento dramático. Um mundo de documentos desmente a “lenda arrepiadora”, usada contra ele outrora e hoje ainda divulgada nos sertões e alhures.

Terminou tomando-se um beato e partiu sozinho do Ceará, vestido num camisolão azul, barba e cabelos crescidos, sem asseio. Um misterioso caminhante cujos conselhos atraíam e seduziam o povo. Em pouco tempo dispunha de um séquito. Os acompanhantes não duvidavam de sua santidade e muitos acreditavam que ele era a reencarnação do Cristo. Parece haver recusado aquela consagração. “Deus é outra pessoa”, dizia, segundo o depoimento de Pedrão, um jagunço da Guarda Católica, que vigiava o pastor. Declarava-se um pecador a purgar seus pecados e a todos chamava de irmãos. Seus adeptos, porém, ensinavam que era dever tratá-lo por meu pai. Meu pai Conselheiro, a quem se devia beijar a mão e a própria vestimenta de brim americano que usava.

Os dias de conselhos, previamente anunciados, eram iguais às santas missões pregadas pelos frades capuchinhos e lazaristas, que tanto emocionaram as populações interioranas. O Conselheiro repetia os padres, persignando-se, citando frases latinas. O povo ficava encantado com sua palavra. O pregador sabia tudo. Inácio Raposo, jornalista do Rio de Janeiro, que percorreu os sertões depois da guerra de Canudos, escutou conversas relativas ao saber do velho cearense. Genes Martins Fontes, juiz de direito na Bahia, ficou impressionado com a melhoria das suas falações. Tímido, acanhado nos fins da década de 70,

parecia um dominador de multidão nos anos de 80. Com o correr do tempo, aprendeu a valorizar suas apresentações. O advogado Ubaldino Gonzaga assistiu a sua entrada triunfal em Entre Rios, quando foi levantar os muros do cemitério local. Guardou a vida inteira a impressão deixada. Antonio Vicente comandava. Pedro Leopoldino, que escreveu para o ***Diário de Notícias***, em 1895, um relato da passagem do peregrino por Bom Conselho, fixou a imponência do guia, envergando uma batina branca; seguido dos seus 12 “apóstolos”, com postura de confraria religiosa. O desembargador Sálvio Martins, do Tribunal de Justiça da Bahia, avistou o Conselheiro, ameaçador, erguendo um cajado, em Jeremoabo, gritando para a massa dominada: “apareçam os republicanos”. Disse-nos o ilustre magistrado que o Conselheiro, quando estava tranquilo, parecia a imagem do Senhor dos Passos das procissões da Semana Santa. A semelhança animava o fervor popular em torno do adorado peregrino, concluiu o Dr. Sálvio Martins.

Caminhou muito tempo na sua missão de pregador. A pé ou montado no seu cavalinho, denominado Rio Real, às vezes num jumento. Parou algumas vezes para levantar capelas maiores. Foi assim em Chorrochó; foi assim no arraial do Bom Jesus, hoje Crisópolis. Lugarejos transformados em cidades atuais da Bahia. Fixou-se, por fim, em Canudos, no município de Monte Santo, povoado banhado pelo rio Vaza-Barris. O local passou a ser chamado Belo Monte. Cresceu em pouco tempo. Tornou-se a localidade de maior população da Bahia, depois da capital. Cerca de vinte e cinco mil habitantes, calcularam no tempo da guerra fratricida. Ali estava, registravam os jornais da época, o Império do Belo Monte, de efêmera existência. Começou em junho de 1893. Foi destruído em outubro de 1897, por milhares de soldados do Exército Nacional, comandados pelo general de brigada Artur Oscar de Andrade Guimarães. Os vencedores incendiaram a povoação, mataram homens e mulheres, velhos e crianças. Uma pavorosa chacina. Degolamentos marcaram uma das maiores tragédias da história nacional.

Nas suas constantes caminhadas, o Santo Conselheiro conquistou adeptos fervorosos e implacáveis inimigos. Ao seu lado ficaram brancos, negros, caboclos, gente de recursos e povinho miserável. Contou com o apoio de homens e mulheres remediados, que venderam seus pequenos bens, deixaram suas terras e foram viver e morrer no chão sagrado do Belo Monte. Depois da abolição, os ex-escravos, os “negros treze de maio”, necessitados de amparo, foram na rota do Conselheiro. Também os caboclos dos antigos aldeamentos indígenas de Mirandela, Rodelas, Massacará. Havia uma rua dos negros e uma rua dos caboclos na “Tróia de barro”. Os proprietários rurais, prejudicados com o êxodo da mão de obra, clamavam contra a ação conselheirista. Os jornais de Salvador, frequentemente, apontavam os perigos do ajuntamento do Belo Monte, onde, ao lado da gente de pé no chão, formavam comerciantes como Antonio Vilanova, Antonio da Mota, Joaquim Macambira, muitas vezes apenas aproveitadores solertes e não crentes sinceros.

Velho edificador de capelas, o Santo Conselheiro ampliou sua ação construtora levantando dois templos. A igrejinha dedicada a Santo Antonio, conhecida por “igreja velha”; Bom Jesus era o patrono do outro templo, um monumento maior, de paredes sólidas, dando a impressão de uma casa-fortaleza, que se conservou de pé, embora destruída em diversos pontos. Foi por causa da igreja nova que principiou a guerra. O Conselheiro encomendara a comerciante de Juazeiro o tabuado da capela. Houve demora na entrega da encomenda. Espalhou-se que os jagunços iriam buscar o material, invadindo a cidade sanfranciscana. Houve pânico, do qual participou o juiz de direito, Dr. Arlindo Leone, que já se desentendera com o Bom Jesus, tempos atrás. O magistrado pediu força para garantir a cidade. Luís Viana atendeu à solicitação. A tropa comandada pelo tenente Pires Ferreira, em vez de aguardar em Juazeiro a anunciada aproximação dos jagunços, marchou contra Canudos. Deu-se mal. Atacado, defendeu-se, porém teve de recuar. Começava a guerra sangrenta, que durou quase um ano. Mais três expedições foram enviadas contra o reduto sertanejo e somente a derradeira, após insucessos parciais, ganhou a peleja.

Quatro conselheiristas reagiram até o final dramático daquela luta entre irmãos. Com o gesto suicida daqueles heróicos sertanejos findou tudo. O vencedor, sem compreensão e sem generosidade, trucidou os vencidos, degolando combatentes, velhos, mulheres, crianças.

Canudos entrou na história com uma página de inconcebível violência dos ganhadores. De diversos modos, o episódio do sertão baiano vem sendo contado e recontado, discutido e interpretado. É tema inesgotável, que seduz o historiador, o sociólogo, o folclorista, o cordelista, o poeta, o teatrólogo, o artista. Neste trabalho, a pugna de 97 é apresentada em série, por um pintor vigoroso, Trípoli Francisco Brito Gaudenzi. Nos quadros, como no livro imortal de Euclides da Cunha, deparamos a terra, o homem, a luta. Gaudenzi, que estudou o assunto sedutor, dá-nos uma visão magnífica do histórico acontecimento. A terra agreste, o homem destemido e a luta épica mereciam um grande pintor. E tiveram.